



## LITERATURA INFANTIL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Maria da Costa Xavier<sup>1</sup>

### RESUMO

A literatura infantil é um assunto que contribui sobremaneira para elevar a motivação e o desenvolvimento das habilidades de comunicação em escolares, pois, como outros meios de desenvolvimento da personalidade humana, deve auxiliar uma interpretação justa do mundo e da sociedade, independente das transformações emocionais que ocorrem na própria criança. Assim, o futuro profissional da educação especial deve assimilar esses elementos básicos da literatura infantil para que constituam ferramentas para a realização de seu trabalho corretivo compensatório, promovam uma aproximação ao mundo interior desses escolares e alcancem sua aprendizagem. Por esses motivos, o presente artigo tem a preocupação de defender o uso da literatura infantil como estratégia didática ao longo da Educação Básica.

**Palavras-chave:** Educação Básica; Literatura Infantil; Recurso Pedagógico.

### ABSTRACT

Children's literature is a subject that contributes greatly to the motivation and development of communication skills in schoolchildren, because, like other means of development of the human personality, it must help a fair interpretation of the world and society, regardless of the emotional transformations that occur in the child himself. Thus, the future professional of special education must assimilate these basic elements of children's literature so that they are tools for carrying out their compensatory corrective work, promoting an approximation to the inner world of these students and achieving their learning. For these reasons, this article has the concern of defending the use of children's literature as a didactic strategy throughout Basic Education.

**Keywords:** Basic Education; Children's Literature; Pedagogical Resource.

### INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, podemos perceber que o interesse e o prazer pela leitura não estão presentes no cotidiano dos educandos. Isto é, a cada dia, o hábito da leitura por parte dos alunos é menor.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Atualmente trabalho como professora ensino fundamental na Secretaria do Estado de Educação de Mato grosso (SEDUC). Mestre em Educação Holística pela Saint Alcuin Of York Anglican College.



A causa desse desinteresse em massa pelos livros é o fato de estarmos vivendo uma época em que o mundo se tornou globalizada e isso trouxe uma relação com os vários tipos de informação; tecnologia e recursos em todas as áreas: escrita, desenhos, obras de arte, por meio da internet.

Compreendemos que, de acordo com Kleiman (2007), a leitura e algo dinâmico traz em sua aprendizagem o entendimento de como os textos funciona nas diversas práticas socioculturais, o leitor apropria-se da compreensão de como os textos interagem e selecionam estratégias necessárias para construir conhecimento possível para os enunciados apresentados.

Dessa forma, enfatizamos que o processo de aquisição de conhecimento só surte efeito, ou seja, só encontra resultados positivos, se a família também estiver envolvida neste ambiente de aprendizagem, estimulando nos educandos o gosto pela leitura, incentivando-os e conduzindo-os, haja vista que esta é base para tudo.

Sendo assim, pôde-se notar que se faz necessário proporcionar ao educando bem como aos seus familiares, o contato com diferentes formas de leitura (contação e recontação de histórias; músicas; apresentações cênicas, etc.), que, conseqüentemente, resultem no gosto e no hábito de ler.

Observa-se a prática da leitura no desenvolvimento pleno do educando, necessita da parceria dos pais para que estes possam contar histórias para seus filhos (os educandos), e que os mesmos recontem em sala de aula, desenvolvendo assim, o hábito de ler, estimulado pelo exemplo dado por seu responsável.

As formas encontradas para atingir nosso objetivo, são as mais variadas possíveis, posto que, acreditamos que as crianças se despertam por meio de imagens, desenhos e pela audição de histórias; uma vez que tais mecanismos criam respeito, valorização e uso consciente dos espaços e ferramentas de leitura.

A leitura é um processo no qual o leitor participa efetivamente, atribuindo significados aos sinais e demonstrando capacidade de dar sentido a eles, compreendê-los e interpretá-los. Sob a perspectiva de que a leitura conduz o leitor a diversas compreensões sobre o texto, concedendo seus significados e relacionando a outros textos lidos por ele, buscando uma relação com o seu cotidiano, é que desenvolvemos o trabalho aqui descrito.



Percebe-se, assim, que a leitura, tanto de mundo quanto da própria palavra, harmoniza-se ao aluno/leitor numa visão ampla da sociedade em que ele está inserido. Dessa forma, constatamos ainda, que a leitura oferece subsídios técnicos e não técnicos para que o aluno seja capaz de realizar uma produção textual eficaz.

## CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

A história da Literatura Infantil está relacionada à concepção de infância e aos primeiros livros para crianças foram produzidos no final do século XVII e durante o século XVIII, visto que anteriormente, não se escrevia para crianças, pois não existia a fase que hoje denominamos de “infância”. As crianças e os adultos compartilhavam dos mesmos eventos sociais.

A partir do século XVIII, a criança começa a ser considerado um ser humano diferenciado do adulto, com suas necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

A Literatura Infantil compõe-se como gênero no século XVII, período em que as transformações na sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico.

O surgimento da Literatura Infantil ocorre da ascensão da família burguesa, do novo "*status*" cedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua necessidade surge da relação com a Pedagogia, já que as histórias eram criadas para transformarem em instrumento dela.

A Literatura Infantil nasce com o intuito de transmitir os valores novo modelo familiar centrado na valorização da vida doméstica, constituído no casamento e na educação dos filhos.

Acerca da definição da Literatura Infantil, Coelho (1991) afirma que é:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhado pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando - a na formação de seu próprio estilo (COELHO, 1991, p. 5).



Segundo Coelho (1991) a literatura infantil inicia-se na França, na segunda metade do século XVIII. As Fábulas (1668) de La Fontaine; os contos da mãe gansa (1691/1697) de Charles Perrault; os Contos de Fadas (1696-1699) de Mme D'Aulnoy e Telêmaco (1699) de Fénelon são os livros precursores do mundo literário infantil.

A literatura infantil brasileira passou a existir tempos depois do início da europeia. Com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, foram publicados os primeiros livros para crianças no Brasil, segundo Zilberman e Lajolo (1986):

[...] a tradição de As aventuras pasmosas do Barão de Munchausen e, em 1818, a coletânea de José Saturnino contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural (ZILBERMAM; LAJOLO 1986, p. 23).

Segundo Arroyo (1968), a Literatura Infantil no Brasil surgiu com a Proclamação da República. Ainda na Monarquia a mão-de-obra escrava começa a ser substituída pela mão-de-obra assalariada, pois a Inglaterra precisava de um novo mercado no Brasil, para que seus produtos fossem consumidos.

Com o surgimento da urbanização acelerada, surgem oportunidades de emprego e há um crescimento no consumo de produtos culturais, os quais são tidos como ferramentas para movimentar a economia.

Nos últimos anos do século XIX, inicia-se a produção de livros brasileiros, pois até então só tínhamos obras estrangeiras que surgiram traduzidas e adaptadas por escritores brasileiros.

Os contos clássicos de Grimm, Perrault e Andersen foram divulgados nos Contos da Carochinha (1894), nas Histórias da avozinha (1896); assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela Livraria Quaresma.

Neste período destacava - se, o livro dos Contos infantis (1886), de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira. Olavo Bilac e Coelho Neto editam seus contos pátrios em 1904. No ano de 1907, Júlia Lopes de Almeida lança as Histórias da Nossa Terra. E, em 1910, nasce a narrativa longa; Através do Brasil, de Olavo Bilac e Manuel Bonfim.

Segundo Arroyo (1968) a criação da biblioteca infantil ocorre em 1915 em São Paulo e foi efetuada pelo professor Arnaldo de Oliveira Barreto, o qual



tinha um acervo com cerca de 100 livros famosos dentre eles: Dom Quixote, As aventuras de Gulliver, contos folclóricos e versões dos irmãos Grimm, de Perrault, de Andersen e outros.

O primeiro momento da Literatura Infantil Brasileira está vinculado a Literatura Infantil da Europa. Zilberman e Lajolo (1986) afirmam que:

[...] a imagem da criança; presente em textos desta época é estereotipado, quer como virtuosa de comportamento exemplar quer como negligente e cruel. Além de estereotipada, essa imagem é anacrônica em relação ao que a psicologia da época afirmava a respeito da criança. Além disso, é comum também que esses textos infantis envolvam a criança que os protagoniza, em situações igualmente modelares de aprendizagem: lendo um livro, ouvindo histórias edificantes, tendo conversas educativas com os pais e professores. (ZILBERMAN; LAJOLO, 1986, p. 34).

Neste período era valorizado outro tipo de literatura para crianças, a ideológica. Por esta razão, pouco se escrevia para crianças e as obras eram distantes do público infantil, uma vez que se enfatizavam o patriotismo.

Zilberman e Lajolo comentam que “... a extrema valorização da natureza torna-se radical em obras de autores como Olavo Bilac, Manuel Bonfim e Coelho Neto”. (ZILBERMAN; LAJOLO, 1986, p. 48)

Tales de Andrade no romance *Saudade*, em 1919 traz um discurso da imagem de um Brasil apresentado por meio da agricultura, a identidade cultural; ideológico e econômica, fechando assim, esse primeiro ciclo da nossa Literatura Infantil.

Com Monteiro Lobato, pudemos encontramos uma nova fase da Literatura Infantil Brasileira. Segundo Coelho: “A Monteiro Lobato coube fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje...” (COELHO, 1991, p. 225).

Nas décadas de 1950/1960 a Literatura Infantil partiu para o viés do “realismo pedagógico”, aplicado nos anos de 1930/1940 e redescobriu a fantasia.

Os nomes que se sobressaíram a partir dos anos de 1950, são: Lúcia Machado de Almeida com a obra *Aventuras de Xisto* (1957), Ana Maria Machado, Lygia Fagundes Bojunga Nunes, Ziraldo, Ruth Rocha, Luís Camargo, Ricardo Azevedo, entre outros.



Na poesia infantil muitos autores ganharam destaque, dentre eles, podemos citar: Cecília Meireles com a obra *Ou isto ou aquilo*; Vinícius de Moraes com *A arca de Noé*, José Paulo Paes com o livro *Poesias para crianças*; Mário Quintana, Elias José, Pedro Bandeira, Roseana Murray, Sylvia Orthof, entre outros.

Diante, da vasta lista de autores que vêm se dedicando à produção infantil, podemos enfatizar a importância conferida à Literatura Infantil para a formação, a socialização e o desenvolvimento da criança em seus vários aspectos.

Nas práticas pedagógicas, em sala de aula, o educador apresenta ao educando vários tipos de textos, os chamados gêneros textuais. São expostos assim, desde os textos verbais - os instrucionais, literários, informativos, cômicos -, até os textos não verbais - placas, sinalizadores, charges, etc.

Isso possibilita ao aluno o acesso aos mais diversos assuntos, levando-os a desenvolver a leitura e, conseqüentemente, a escrita.

Contemporaneamente torna-se fundamental que o indivíduo saiba se expressar de forma adequada, em consonância com a situação e o ambiente que envolve sua comunicação. Isso ocorre principalmente, para a inserção no mercado de trabalho e nas práticas sociais, conforme nos indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais, também conhecidos como PCN's:

Ensinar língua oral deve significar para a escola, possibilitar acesso ao uso da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam um controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (PCN, 1999; p.67).

A real condição do educando torna necessário o domínio de determinados usos da língua oral. Além disso, deve-se levar em conta a questão da variação linguística que envolve diversos fatores. Bechara (1998, p. 13) nos afirma que:

A escola não se trata obviamente de 'ensinar a fala', mas mostrar aos alunos a grande variedade de usos da fala, dando-lhes a consciência de que a língua não é homogênea, monolítica, trabalhando com eles os diferentes níveis (do mais coloquial ao mais formal) das duas modalidades – escrita e falada - isto é, procurando torná-los 'políglotas' dentro de sua própria língua. (BECHARA, 1998, p. 13).



Assim, podemos elencar que a escola tem como função ensinar seu educando a utilizar a linguagem oral nas várias situações comunicativas, especialmente nas mais formais.

Conseqüentemente, de acordo com Marcuschi (2002; p. 24), o educador deve “formar a consciência de que a língua não é homogênea nem monolítica” e que há várias e diferentes circunstâncias de fala, nas quais o falante tem que se adequar à situação e às características de seu interlocutor.

## **FERRAMENTA E TÉCNICA DA LITERATURA INFANTIL**

Quando ouvimos e/ou lemos histórias, podemos penetrar num mundo encantador, mágico, repleto ou não de mistérios e surpresas. É o chamado mundo da fantasia, sendo ele interessante e curioso; que diverte, ensina e desperta a criatividade do indivíduo, principalmente da criança.

É por meio da relação lúdica e prazerosa entre o educando e a obra literária que temos uma delicada possibilidade de formarmos o leitor. É na utilização da exploração desta fantasia e da imaginação que se estimula a criatividade e se fortalece a interação entre texto e leitor.

Em nossas caixinhas de memórias estão guardadas as histórias lidas e ouvidas quando crianças. Ao fecharmos os olhos somos remetidos a um passado, no qual revemos a cena daquela historinha contada por nossos pais antes de dormir, ou ainda daquela contada e interpretada pela educadora em nossas primeiras séries do ensino fundamental.

São mensagens sublimes que ficaram arraigadas em nossa mente, como algo prazeroso, que aflora o sentimento de saudade de ouvir e/ ou contar histórias e de interpretar e aproveitar os ensinamentos que as envolve.

A obra literária e a sua interação com o educando constituem-se na riqueza dos aspectos formativos nela proporcionados de maneira fantástica, lúdica e simbólica.

Enfatizando essa interação por intermédio do uso adequado dos procedimentos pedagógicos, teremos uma maior compreensão do texto e uma compreensão mais abrangente do contexto, por parte do educando.

Uma obra literária propõe uma exposição da realidade, de uma maneira inovadora e criativa, criando e permitindo espaços para que o leitor possa



descobrir o que está nas entrelinhas do texto, levando-o a fazer conjecturas e até mesmo a uma reflexão.

Diante dessa situação, atualmente, os educadores devem ser incentivados a repensar a metodologia da prática literária, bem como a utilização e os objetivos desta prática em sala de aula. Assim, a formação do educador e o seu conhecimento acerca da história da literatura e dos gêneros literários, ampliam o seu gosto e hábito da leitura.

Por esta razão, resgatar a literatura enquanto forma de arte e expressão, pode auxiliar na transformação do meio escolar; na valorização dos aspectos que até então, encontram-se apagados pelo conteúdo e pela disciplina, que nem sempre condizem com a realidade dos alunos.

A Literatura Infantil, portanto, não pode ser utilizada apenas como um "motivo" para se ensinar a leitura ou para incentivá-lo à formação desse hábito. Para que a obra literária seja utilizada efetivamente como uma ferramenta mediadora do conhecimento, faz-se necessário que se estabeleça relações entre teoria e prática, permitindo que educador atinja determinadas finalidades educativas.

A leitura é um processo no qual o leitor participa, atribuindo significados aos sinais e demonstrando capacidade de dar sentido a eles, compreendê-los e interpretá-los. Assim sendo, podemos afirmar que a leitura conduz o leitor às diversas compreensões sobre o texto, concedendo seus significados relacionando a outros textos lidos por ele, e, conseqüentemente, buscando uma relação com o seu cotidiano.

Percebemos, assim, que a leitura, tanto de mundo quanto da própria palavra, harmoniza-se ao aluno/leitor numa visão ampla da sociedade em que ele está inserido. Dessa forma, constatamos que a leitura oferece subsídios técnicos e não técnicos para que o aluno seja capaz de realizar uma produção textual eficaz, como Perrenoud enfatiza nos PCN's.

Por esta razão, buscamos nos embasar em alguns teóricos da área da educação para podermos sustentar todas essas teses que apresentamos. Vygotsky (1988; p. 64) a compreensão do processo da aprendizagem, onde o autor destaca que:



Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (Inter psicológica) e, depois, no interior da criança (intrapsicológica)". (VYGOTSKY, 1988, p. 64)

Segundo Vygotsky (2003, p. 54), o brincar também é um agente de socialização, um sinalizador das relações humanas. O que varia no contexto familiar e social ao educando são os estímulos e as oportunidades que são ofertadas no ambiente em que este está inserido.

Em consonância com Barbosa e Horn (2008, p. 31), a heterogeneidade de aprendizagens é um desafio ao educador, uma vez que é preciso conviver com as diferentes interpretações e compreender que as aprendizagens são construídas a partir de linguagens.

Como afirma Ramos (2003), a leitura oferece a possibilidade de se ver os dados do mundo com mais amplitude. Compreender a leitura de um texto é uma das tarefas mais significantes para a escola, professores e alunos, haja vista que leva o indivíduo a conhecer a si e aos outros, preparando-os para sua formação humana.

Para Fortuna, (2001, p. 118) o lúdico proporciona a construção e produção da aprendizagem do conhecimento pelos alunos e não somente a sua reprodução, mas também as relações que estes estão construindo e assim refletir sobre sua prática.

As contribuições de Vygotsky (2000) reforçam a importância da atividade lúdica para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Para este autor, essa atividade não é importante por ser uma atividade prazerosa, mas sim, por preencher necessidades fundamentais da criança, tais como: permitir que resolva o impasse entre o seu desejo e a impossibilidade de satisfazê-lo imediatamente, exigir o cumprimento de regras, permitir certos distanciamentos entre a percepção imediata dos objetos e a ação. (MACIEL; BAPTISTA; MENTEIRO, 2009, p. 22).

Cabe à escola não apenas alfabetizar, mas, possibilitar aos seus alunos a convivência com o mundo literário, pois por meio dele se espera formar um leitor. Segundo Condemarin "quanto mais amplo e diversificado for o contato da criança com a linguagem escrita, maiores serão suas oportunidades para descobrir as regularidades desta e para se familiarizarem com suas características específicas" (CONDEMARIN, 1987, p. 56).



Uma família que deixa de usufruir do seu comprometimento com a educação dos filhos não tem probabilidade de auxiliá-lo na construção do hábito da leitura desenvolvendo a compreensão e interpretação do mundo.

[...]. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão de texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica na percepção das relações entre o texto e o contexto. (PAULO FREIRE, 1986; p. 11 – 2).

A leitura é de suma importância para o aprendizado, pois o mesmo é adquirido por intermédio de métodos e técnicas bem estruturadas que levam o leitor ao conhecimento científico que refletirá num sentido amplo. É também uma das maiores potências do vocabulário e expressão envolvendo e informando o leitor com ideias as quais lhe darão enfoques abrangentes para o crescimento cultural do qual depende o seu progresso na vida.

[...] a leitura é o movimento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, o a se identificarem como interlocutores desencadeiam o processo de significação. (ORLANDI, 1983, p, 20).

A capacidade de ler é essencial à realização pessoal, pois o sujeito- leitor interage com texto relacionando-se com o mesmo, tornando –se um sujeito conhecedor e crítico, propiciando a ampliação do seu universo cultural.

Ler, para Paulo Freire (1986, p.11-3), poderia ser traduzido como o ato mesmo de viver, a respiração que “não se esgota na decodificação pura da escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”, nas relações sociais.

Segundo Kleiman (2007), as teorias mais recentes concebem o ato de ler como atribuição voluntária de sentido à escrita, entendendo a leitura também como prática social. Isso coloca um desafio para a escola no sentido de rever suas práticas de ensino, uma vez que para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual, ou seja, ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, conhecidos também como PCN’s, Philippe Perrenoud afirma que atualmente, o professor deve desenvolver



pelo menos algumas das dez competências que ele sugere, para que as mesmas reflitam no seu trabalho com os alunos.

Diante do exposto, uma família que não está comprometida com a educação dos filhos não tem possibilidade de auxiliar os educadores na construção do hábito da leitura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com Abramovich, ela distinguiu que, nas atividades de ouvir e contar histórias, “[...] se descobrem palavras novas, entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes. Capta-se o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção” (1995, p. 18).

Esse tipo de trabalho requer uma preparação prévia, considerando o nível de conhecimento do interlocutor e, se for feito em grupo, a interação e coordenação da fala própria com a dos outros colegas.

Adotando como hipótese que “[...] todo processo de formação tem de ter como referência fundamental o saber docente, o reconhecimento e a valorização do saber docente [...]” (CANDAU, apud MIZUKAMI, 2002, p. 203). Resolvemos, como forma de educação continuada, resgatar o contar das histórias entre família, participantes do projeto, sobre o papel da contação de histórias no desenvolvimento psicológico, sócio comunicativo e afetivo das crianças, e propor meios para incentivar o gosto pela leitura.

A valorização do educando e a criatividade do educador são parceiras desenvolvendo aspectos importantíssimos para que se tenha sucesso no trabalho com a leitura, para uma melhor forma que a aprendizagem ocorra e os educandos construam seus conhecimentos.

A educação é um espaço para descobertas obtidas através da participação e colaboração ativa de cada educando com seus parceiros em todos os momentos, possibilitando, assim, a construção de sujeitos autônomos e cooperativos. Por meio da leitura o educando aprende brincando em um mundo de imaginação, sonhos e fantasias.

Conclui-se de que o importante é trabalhar com o que é interessante e prazeroso para o educando; só assim é que ele irá aprender e compreender o



que está sendo ensinado. O que é ensinado tem que ter sentido para o aluno se não houver não há interesse, não há compreensão, não há aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática: Opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática, 1998, 13.

BRASIL, Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagem, Códigos e suas Tecnologias.**

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo.** 4 ed. Ática, 1991.

CONDEMARIN, Mabel. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Formando professores na Universidade para brincar.** In: Santos, Santa Marli Pires dos (org.). **A ludicidade como ciência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler em Três Artigos que se Completam.** São Paulo, Autores associados/ Cortez 1983. p.18; 22; 50

FREIRE, Paulo. **Importância de Ler,** São Paulo. Cortez. 1986. p.11- 3.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: Aspecto Cognitivo da Leitura.** 10ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias.** 6. Ed. São Paulo: Ática, 2007.

MACIEL, Francesca; BAPTISTA, Monica Correia & MONTEIRO, Sara Mourão (org.). **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de 9 anos: orientação para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de 6 anos de idade.** Belo Horizonte: UFMG/FAE/CEALE, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **“Gêneros textuais: definição e funcionalidade”** In DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna. 2002.

ORLANDI, Pulcinelli Eni. **Estudos da Linguagem.** Revistas Leitura Teira e Prática. Julho, 84 Nº 1, 1983.



RAMOS, Magda Maria. **A literatura como fruição na escola.**2003.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998. Lev Semenovich. Psicologia pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZILBERMAN, Regina. LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil Brasileira: História e histórias.** São Paulo: Ática, 1986.